

COMUNICADO À IMPRENSA

Em finais de 2015, é editado em Londres (com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian) o livro de Annemarie Jordan Gschwend e K. J. P. Lowe, *The Global City: On the Streets of Renaissance Lisbon*, recentemente galardoado pela Academia da Marinha e amplamente celebrado pela crítica internacional.

Nele, as autoras fazem uma reconstituição do ambiente da cidade de Lisboa no ciclo longo dos Descobrimentos, a partir de dois quadros que haviam identificado como uma representação da Rua Nova dos Mercadores, a principal artéria comercial no período do Renascimento.

Pelo ineditismo da sua visão e objetiva relevância histórica, o MNAA entendeu convidar as autoras a adaptarem o livro a uma exposição: *A Cidade Global. Lisboa no Renascimento*, que será inaugurada a 23 de fevereiro.

Nesta mostra, que conta ainda com o contributo de Henrique Leitão, Prémio Pessoa 2014, como consultor para a História da Ciência, a visão do livro surge ampliada, ao mesmo tempo que se reformula e amplifica o plano ilustrativo, mobilizando um conjunto, o mais diversificado possível, de acervos, públicos e privados, nacionais e internacionais, numa amostra inédita de obras, todas creditadas ou pela documentação ou pela comunidade científica.

Foi também alargado o núcleo dedicado à evocação da Lisboa de então, onde se buscou reunir exaustivamente todas as fontes úteis para a sua compreensão.

Com o título «Museu de Arte Antiga abre as portas a obras suspeitas», um artigo de Miguel Cadete, com Alexandra Carita e Hugo Franco, publicado na edição do Expresso de 18 de fevereiro de 2017, alega que os historiadores João Alves Dias e Diogo Ramada Curto «consideram falsa a pintura 'A Rua Nova dos Mercadores', peça central da exposição que será inaugurada na quinta-feira, com a presença de Luís Filipe Castro Mendes, ministro da Cultura». Neste artigo, onde a matéria em questão é do foro da História da Arte, Cadete limita-se a dar voz a dois historiadores, assumidamente não especialistas nesta área científica, deixando em silêncio os da especialidade, não obstante reconhecer os seus contributos, genericamente de orientação oposta.

De acordo com Cadete, o quadro que «até então (2010), estaria esquecido no espólio do pintor inglês do século XIX Dante Gabriel Rossetti e à guarda da Society of Antiquaries de Londres, em Kelmscott Manor» é, como lhe terá garantido o historiador Alves Dias, «um quadro forjado no século XX a imitar o passado». No mesmo artigo, Cadete afirma que Ramada Curto sustenta «a impossibilidade de o quadro fazer parte do espólio de Dante Gabriel Rossetti», concluindo que «a sua autenticidade nunca foi comprovada».

A tese defendida por Jordan e Lowe, de que a obra terá feito parte da coleção de Dante Gabriel Rossetti (1828-1882), foi, no entanto, confirmada em 2015, pela investigação científica, designadamente no artigo publicado por Julia Dudkiewicz no *The British Art Journal* (vol. XVI, n.º 2): «Dante Gabriel Rossetti's collection of Old Masters at Kelmscott Manor».

Contrariando as alegações difundidas pelo Expresso, a historiadora refere que, ao testamento de May Morris – filha de William Morris e herdeira de Kelmscott Manor – está anexada uma lista de

220 objetos, que May doou à Universidade de Oxford, juntamente com a casa que fora do seu pai. Nessa lista, com descrições dos vários itens, que englobam proveniências e localização na casa, surgem os dois quadros representando a Rua Nova dos Mercadores: «Two pictures of scenes in a city, part of D. G. R.'s things» (dois quadros com cenas de uma cidade, parte das coisas de Dante Gabriel Rossetti).

Rossetti e William Morris partilharam Kelmscott Manor alguns meses, em 1871, e entre 24 de setembro de 1872 e 11 de julho de 1874. Os dois quadros, e outras obras de Rossetti, também identificadas no testamento de May Morris (Mary Morris, *Memorandum*, 17 June 1926, part of Will and Testament of Mary Morris, London Probate Department, HM Courts & Tribunals Service), terão ficado em Kelmscott Manor quando, após um caso amoroso atribulado, Rossetti teve de abandonar repentinamente a casa. Acabaram, mais tarde, por ser incluídos nos bens de William Morris.

No mesmo artigo, Miguel Cadete levanta ainda suspeitas em relação à pintura *O Chafariz D'el Rey*, pertencente à Associação de Coleções/The Berardo Collection, que surge na exposição num contexto apenas documental e ilustrativo.

Apesar de esta pintura não ter tido ainda um exaustivo estudo monográfico, material e iconográfico, é uma obra sobejamente conhecida. Pertenceu, pelo menos desde finais do século XIX, à coleção do conde Adanero, de Madrid. Identificada como uma cena urbana, foi fotografada cerca de 1940 pela Casa Moreno/Archivo de Arte Español (existem exemplares desta imagem na Fototeca del Patrimonio Histórico de Espanha e na Black Archive Collection, da Universidade de Harvard). Não pode, pois, também aqui tratar-se, como refere Cadete baseado em Alves Dias, de «um quadro forjado no século XX a imitar o passado».

Foi reconhecida como representando o Chafariz d'el-Rei no antiquário madrileno, Caylus Anticuarios, e divulgada em Portugal por Vitor Serrão em 1998 (*IV Jornadas de História Ibero-Americana – As Rotas Oceânicas. Sécs. XV-XVII*).

Entretanto, os historiadores da arte Fernando António Baptista Pereira, Vítor Serrão, Jean Michel Massing, Annemarie Jordan e Kate Lowe descreveram, estudaram e utilizaram como referência esta pintura, cabendo a Massing a divulgação de que a obra pertencia à coleção do conde de Adanero, por volta de 1893.

Finalmente, a pintura em causa fez ainda parte de várias exposições e foi reproduzida e comentada nos respetivos catálogos: *Os Negros em Portugal. Séculos XV a XIX*, Lisboa, Mosteiro dos Jerónimos, 1999, com comissariado de Didier Lahon e Maria Cristina Neto; *Encompassing the Globe. Portugal and the World in the 16th & 17th Centuries*, Washington: Smithsonian Institution, 2007, editado por Jay A Levenson, com a colaboração de **Diogo Ramada Curto** e Jack Turner; *Autour du Globe. Le Portugal dans le monde aux XVIe et XVIIe siècles*, Bruxelas, Palais des Beaux-Arts, 2007-8, com comissariado de Jay A. Lavenson, com a colaboração de Jean-Michel Massing, Nuno Vassallo e Silva, Regina Krahl, **Diogo Ramada Curto** e James Ulak; e *Portugal e o Mundo nos Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 2009, com comissariado de Jay A. Levenson, Jean Michel Massing, Julian Raby, Nuno Vassallo e Silva, James Ulak e Regina Krahl.

A Direção